



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

# revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 11, art. 10, p. 175-196, nov. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.11.10>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Análise das Contribuições da Sociologia da Infância para a Compreensão do Bullying Escolar

### Analysis of Children's Sociology Contributions to Understanding School Bullying

#### Jéssica Naiara Vieira Pires Granato

Especialista em Sociologia da Infância pela Universidade Federal de São Carlos

E-mail: [jessica\\_n.vieira@hotmail.com](mailto:jessica_n.vieira@hotmail.com)

#### Emerson Benedito Ferreira

Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos

Professor da Universidade Estadual do Piauí

E-mail: [emerson\\_ufscar@hotmail.com](mailto:emerson_ufscar@hotmail.com)

#### Mário Marcos Lopes

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade de Araraquara

Docente do Centro Universitário Barão de Mauá

E-mail: [mmarcoslopes@ig.com.br](mailto:mmarcoslopes@ig.com.br)

#### Paulo Rogério da Silva

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de São Carlos

Diretor da Rede Municipal da Educação de São Carlos pela Professor da UFSCar

E-mail: [Paulo.tarabai@gmail.com](mailto:Paulo.tarabai@gmail.com)

---

#### Endereço: Jéssica Naiara Vieira Pires Granato

Rod. Washington Luiz, s/n - Monjolinho, São Carlos - SP, 13565-905, Brasil.

#### Endereço: Emerson Benedito Ferreira

Rod. Washington Luiz, s/n - Monjolinho, São Carlos - SP, 13565-905, Brasil.

#### Endereço: Mário Marcos Lopes

Ramos de Azevedo, 423 - Bairro: Jardim Paulista - CEP: 14090-180 - Ribeirão Preto - SP, Brasil.

#### Endereço: Paulo Rogério da Silva

Rod. Washington Luiz, s/n - Monjolinho, São Carlos - SP, 13565-905, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

**Artigo recebido em 22/07/2022. Última versão recebida em 10/08/2022. Aprovado em 11/08/2022.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

A Sociologia da Infância apresenta um papel fundamental na compreensão da criança em todas as suas dimensões, não sendo diferente no cenário educacional. Atualmente, muitos são os aspectos que permeiam o processo de escolarização da criança, incluindo, dentre eles, a violência. Sabe-se que o *bullying* está presente na instituição escolar, sob diferentes formas e tipos de agressão. Diante disso, o presente estudo teve por objetivo compreender o *bullying* praticado na escola frente às transformações sociais ocorridas ao longo da última década. Para tanto, propôs-se uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter misto, sendo este investigativo e exploratório. Os documentos selecionados foram buscados em bases de dados científicas – Google Acadêmico e *Scielo*. O recorte datado de 2014 a 2018, sendo os últimos cinco anos produtivos da temática explorada. Diante do recorte realizado, foi possível obter documentos que corroborassem para a compreensão da sociologia da infância frente ao *bullying*. Os resultados obtidos permitem compreender que a sociedade vem se transformando ao longo dos anos e os papéis sociais também. Portanto, a criança se transforma, assim como a sua concepção ao longo dos tempos. O *bullying* se faz presente na contemporaneidade, nos mais diferentes meios, sob as mais diferentes formas, seja simbólica, física, psicológica, verbal etc. A família tem papel fundamental no cenário escolar e na busca por melhorias nos processos inter-relacionais das crianças, bem como no empoderamento da criança. A escola necessita de práticas, projetos e recursos que sejam efetivos no combate à violência, mesmo que esta seja velada.

**Palavras-Chave:** Sociologia da Infância. *Bullying*. *Bullying* na Escola

## ABSTRACT

The Sociology of Childhood plays a fundamental role in understanding the child in all its dimensions, being no different in the educational scenario. Currently, many aspects permeate the child's schooling process, including among them, violence. It is known that bullying is present in the school institution, under different forms and types of aggression. In view of this, the present study aimed to understand the bullying practiced at school in the face of social changes that occurred over the last decade. To this end, a mixed bibliographic review research was proposed, which is investigative and exploratory. The selected documents were searched in scientific databases - Google Scholar and Scielo. The cut dated was from 2014 to 2018, being the last five productive years of the theme explored. In view of the cut made, it was possible to obtain documents that corroborate the understanding of childhood sociology in the face of bullying. The results obtained allow us to understand that society has been changing over the years and so have social roles. Therefore, the child is transformed, as well as its conception over time. Bullying is present in contemporary times, in the most different media, in the most different forms, whether symbolic, physical, psychological, verbal, etc. The family has a fundamental role in the school scenario and in the search for improvements in the children's inter-relational processes, as well as in the child's empowerment. The school needs practices, projects and resources that are effective in combating violence, even if it is veiled.

**Keywords:** Sociology of Childhood. *Bullying*. *Bullying* at School

## 1 INTRODUÇÃO

A Sociologia (enquanto área integrante das chamadas Ciências Sociais<sup>1</sup>) estabeleceu-se no contexto da Modernidade e, desde então, vem galgando cada vez mais espaço junto ao cenário socioeducacional ao longo das últimas décadas. Uma dessas formas remete-se à disciplina escolar, a qual pertence ao currículo das instituições de ensino.

Esta área do conhecimento propõe uma análise crítica e reflexiva, rompendo com o senso comum e diferindo de ideologias e dogmas impostos socialmente (CARVALHO, 2011). Dessa forma, a Sociologia nos ajuda a compreender e explicar as permanências e as transformações das sociedades, bem como oferecer pistas hermenêuticas para a superação dos seus dilemas. Uma de suas tarefas não poderia ser outra, senão causar o “estranhamento” da realidade, percebendo que esta não é resultado da espontaneidade das relações, mas de constantes conflitos e resistências. Como diria Bourdieu, em sua obra *Coisas Ditas*:

O mal da Sociologia é que ela descobre o arbitrário, a contingência, ali onde as pessoas gostam de ver a necessidade ou a natureza [...]; e que descobre a necessidade, a coação social, ali onde se gostaria de ver a escolha, o livre-arbítrio. [...] Uma característica das realidades históricas é que sempre é possível estabelecer que as coisas poderiam ter sido diferentes, que são diferentes em outros lugares, em outras condições. O que quer dizer que, ao historicizar, a sociologia desnaturaliza, desfataliza (BOURDIEU, 1990, p. 27).

Do ponto de vista histórico, a Sociologia teve sua origem nos mais diferentes locais e com perspectivas diferentes, estando sempre relacionadas à fase vivenciada. De acordo com Lemos (*et al*, 2013), ela apresentou seus primeiros sinais a partir do século XV, buscando compreender as transformações sociais decorrentes da transição do feudalismo para o capitalismo. No entanto, enquanto área autônoma de conhecimento, as primeiras análises mais sistemáticas sobre a sociedade ocorreram a partir do momento em que ela passou a demonstrar as transformações decorrentes das Revoluções Industrial e Francesa<sup>2</sup>, nos campos

---

<sup>1</sup> A sistematização das Ciências Sociais resultou na criação de três campos de especialização: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. O desenvolvimento de cada um deles não ocorreu de forma igual e dependeu – como qualquer outro tipo de conhecimento – do contexto social no qual emergiu. No Brasil, por exemplo, as universidades ofertam cursos específicos de Antropologia (bacharelado), Ciência Política (bacharelado) e Sociologia (bacharelado e licenciatura), ou até, como em outros casos, o curso de Ciências Sociais (bacharelado), que englobaria as três áreas. No entanto, com relação ao exercício profissional desses cursos, só a profissão de sociólogo é reconhecida pelo Estado brasileiro. Ou seja, segundo o Decreto nº 89.531, de 5 de abril de 1984 (BRASIL, 1984), que regulamenta exercício da profissão de sociólogo, todo antropólogo, cientista político e sociólogo, do ponto de vista do exercício legal da função, é enquadrado profissionalmente somente como “sociólogo”.

<sup>2</sup> Segundo Martins (1986, p. 13-14), “as consequências da rápida industrialização e urbanização levadas a cabo pelo sistema capitalista foram tão visíveis quanto trágicas: aumento assustador da prostituição, do suicídio, do alcoolismo, do infanticídio, da criminalidade, da violência, de surtos de epidemia de tifo e cólera que dizimaram

socioeconômico e político.

A partir de tais transformações sociais, a Sociologia trouxe elementos que permitiram reflexões sobre a formação da sociedade nas mais variadas culturas, tendo como objeto de análise a estrutura, a diferença, os fenômenos mistos, híbridos, complexos, impuros, ambivalentes etc. Por conta disso, para realização de uma análise sociológica relevante, torna-se fundamental compreender a sociedade a partir do pluralismo e das particularidades contemporâneas.

Juntamente com as novas concepções de sociedade, surgiram também – neste período – as novas concepções de infância e criança. A partir do século XIX, a medicina começou a refletir sobre a criança, tendo em foco as altas taxas de mortalidade e de pobreza e o número expressivo de crianças trabalhando. Posteriormente, partiu-se para uma concepção biológica da criança, reduzindo o discurso a critérios fisiológicos e sanitários a respeito da infância. No entanto, foi por meio da psicologia que surgiram os conhecidos testes padronizados de inteligência, baseados num conceito de desenvolvimento humano linear, no qual tem-se como parâmetro alguns critérios, como a idade, a capacidade mental e as fases de desenvolvimento (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010).

Diante desse contexto, concebe-se, portanto, as primeiras noções de socialização atrelada à Sociologia da Infância. Delgado e Muller (2005, p. 353) indicam que esta noção:

Estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo compreender o *bullying* praticado na escola frente às transformações sociais ocorridas ao longo da última década. Neste trajeto, pretende-se: caracterizá-lo, de modo a identificar suas práticas no cenário escolar; analisá-lo a partir de uma perspectiva social; e discutir as contribuições da sociologia da infância para minimizar suas práticas. Para tanto, propõe-se uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter misto, sendo este investigativo e exploratório. Os documentos selecionados foram buscados em bases de dados científicos: Google Acadêmico e *Scielo*. O recorte temporal foi datado de 2014 a 2018.

O artigo estrutura-se em três seções e as considerações finais. A primeira seção consiste na introdução com o delineamento do assunto abordado no trabalho. A segunda

---

parte da população etc.”.

remete-se à fundamentação teórica, trazendo contribuições da sociologia e a sociologia da infância, respectivamente, seguidas de fundamentações acerca do *bullying* e sua existência no cenário educacional. A terceira, por sua vez, se volta para os resultados e a discussão dos documentos encontrados e explorados. Por fim, têm-se as considerações finais, com um apanhado geral do que foi realizado no trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sociologia da Infância traz alguns aspectos relevantes para a compreensão dos conceitos de infância, criança, desenvolvimento infantil em uma perspectiva social. À luz desta fundamentação teórica, apresentaremos o fenômeno do “*bullying*”, compreendendo-o não de forma fragmentada ou “adulterada”, mas no contexto das relações interpessoais próprio da infância e a partir dela. Diante disso, o texto fundamenta-se com os seguintes itens: a) Sociologia; b) Sociologia da Infância; c) *Bullying*; d) *Bullying* no contexto escolar.

### 2.1 Sociologia

Enquanto estudo da sociedade, a Sociologia foi ganhando espaço ao longo dos séculos. Cunhada em diferentes características e com visões referentes aos países a que pertencia em sua origem, a Sociologia consiste em uma ciência com uma faceta multicultural e global. Tem indícios franceses, alemães e americanos que datam os séculos XVII, XIX e XX, abrangendo, posteriormente, novos países, como por exemplo, o Brasil (LEMOS *et al.*, 2013).

Um primeiro período da Sociologia no Brasil foi marcado pelo autodidatismo, iniciado já na segunda metade do século XIX – correspondendo à fase de desagregação da ordem social escravocrata – e caracterizado pela exploração de conhecimentos sociológicos como recurso parcial de interpretação. Lidieke Filho (2005) indica que o objetivo da sociologia no Brasil, nesse primeiro momento, não era pesquisar a sociedade em si, seus postulados, dogmas, valores, preconceitos etc., mas sim realizar correlações entre o discurso sociológico e as diferentes áreas, como por exemplo, entre Sociologia e Direito; somente depois passou-se a identificar a necessidade de se utilizar da Sociologia para interpretar os pressupostos atuais. Mas, somente no final do século XX, as reflexões e análises tornam-se mais efetivas e produziram, enfim, resultados científicos.

Embora a Sociologia abranja as mais diversas áreas de investigação (meio ambiente, cultura, educação, religião, pobreza, divisão de sociais, trabalho, violência, criminalidade,

política, direito, economia etc.), o enfoque deste artigo volta-se para a Sociologia da Infância. De acordo com Oliveira e Tebet (2010, p. 40), os sociólogos buscam com esse recorte teórico:

A investigação das crianças com base na infância enquanto uma categoria geracional própria, não perdendo de vista o reconhecimento da alteridade dessa infância perante os adultos. Ou seja, os sociólogos fizeram um esforço epistemológico de mudar a ênfase na investigação sobre a criança, colocando-a não apenas como um objeto passivo de socialização, mas como um sujeito ativo desse processo. Essa atividade social que a criança adota em relação aos outros atores sociais e especialmente entre elas pode ser denominada como cultura infantil.

A partir desse aparato conceitual, surge então a Sociologia da Infância, pautada tanto no desenvolvimento humano, como no respeito às características da criança – consideradas aqui como sujeitos de direitos.

## 2.2 Sociologia da Infância

Não é novidade que, durante um longo período, as crianças foram marginalizadas; muitas produções literárias abordam essa questão. O que se questiona, no entanto, não é quantidade de textos “sobre” a criança, mas em “como” tais textos caracterizaram a criança. Afinal de contas, quando se toca nesse assunto, de qual “criança” estamos falando? Da criança modelada a partir do olhar do adulto? Por isso que, para essa vertente da Sociologia, mais do que falar de crianças, almeja-se refletir sobre a “infância”.

De Rousseau às comunas antiautoritárias de 1968, a atenção dos reformadores e revolucionários para com o ser humano principiante resultou em pedagogia. Isto é, na tentativa de colocar a formação da criança de acordo com o ideal de uma sociedade mais justa. Desse modo, menosprezou-se a autêntica questão: extrair da própria experiência infantil critérios e conceitos capazes de iluminar ulteriormente as relações sociais e de produção, mas também esboçar a crítica. Invertendo a perspectiva pedagógica, é da infância que é necessário esperar instruções (VIRNO, 2012, p. 34).

O fato é que a infância nunca foi ouvida a partir dela mesma, o que só reforça aqui um preconceito socialmente produzido com relação ao mundo infantil que, ao mesmo tempo que silencia suas inquietações frente às instituições educacionais, cria um conceito hipostático, padronizado e, por isso, falso de infância. Ou seja, a multiplicidade de vozes da infância, em sua vivacidade, é violada pela lógica amorfa da unidade metafísica – a infância vivenciada é subsumida pela infância ‘adultizada’. Nas palavras de Guattari (1981, p. 50), “como evitar que as crianças se prendam a semióticas dominantes ao ponto de perder muito cedo toda e qualquer verdadeira liberdade de expressão?”.

Pode-se dizer que as crianças nunca foram devidamente consideradas pela sociedade a que pertenciam. Com o surgimento da concepção de infância<sup>3</sup>, expandiu-se também uma nova visão acerca deste grupo, inserindo-as no convívio social e considerando suas particularidades, especificidades e direitos (LIMA; MOREIRA; LIMA, 2014). Para Quinteiro (2002, p. 139), os primeiros elementos acerca da concepção de infância surgiram:

em oposição à concepção de infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou agentes sociais. Finalmente, a questão central dos textos [...] aponta para a construção social da infância como um novo paradigma, com ênfase na necessidade de se elaborar a reconstrução deste conceito marcado por uma visão ocidental e adultocêntrica de criança. É importante destacar que a crítica fundamental diz respeito à visão de criança considerada como tábula rasa à qual os adultos imprimem a sua cultura.

Embora a área de estudo da Sociologia da Infância seja permeada por diferentes autores e teóricos, com vertentes e perspectivas diferentes, todos apresentam o mesmo propósito: compreender a infância (SARMENTO; MARCHI, 2008). Na concepção de Dip (2016, p. 15), esta área “vem ganhando força nos últimos 20 anos. Até o fim do século XX, a infância não tinha um espaço próprio de estudo, e o que existia estava geralmente relacionado à sociologia da família e à sociologia da educação”.

A década de 90, por exemplo, é considerada um grande disparador de pesquisas nesta área do conhecimento, uma vez que os estudiosos passaram a pesquisar os fundamentos sociológicos da infância a partir da própria criança, isto é, como sujeitos sociais, detentores de direitos, capazes de integrar a construção social e histórica (ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2016). Para tanto, foi preciso voltar na história e compreender a trajetória desses indivíduos, considerando espaço, tempo, classe social e cultura na qual estão imersos (ALVES, 2013).

Os estudos com crianças que vêm se desenvolvendo na perspectiva da Sociologia da Infância procuram construir uma ideia de crianças e de infâncias de maneira positiva, valorizando suas singularidades, linguagens, culturas e estéticas. O que se busca com os estudos realizados a partir dessa perspectiva é justamente colocar a criança como protagonista. Dar-lhe ouvidos. Prestar atenção àquilo que elas têm a nos dizer, seja por meio de palavras, choro, gestos, ou de tantas outras formas que uma criança possa encontrar para comunicar algo (OLIVEIRA; TEBET, 2010, p. 44).

Nesse contexto, a sociologia da infância passa a ter um objeto de estudo – tornar a criança um ator social com voz ativa, isto é, um agente social, detentor de uma identidade,

---

<sup>3</sup> A infância é historicamente construída a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade (SARMENTO, 2005, p. 365).



compreensão política e integração cultural. Compreende-se, portanto, que, assim como os adultos, as crianças são detentoras de direito, o qual se estende a toda a sociedade, a sua composição, estrutura orgânica e concepção de valores. Surge daí a questão da infância contemporânea (ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2016). Utilizando-se dessa premissa, Prout (2010, p. 734) indica que:

A infância como estrutura social tem a ver com a padronização em larga escala da infância de uma determinada sociedade. Chama a atenção, quando se tenta compreendê-la, a distribuição crescente de recursos destinados à infância. Segue por longas cadeias de causa e efeito, de modo que a forma da infância em uma determinada sociedade pode ser moldada por fenômenos distantes dela, espacial e temporalmente. Contudo, do lado problemático, tal abordagem está mais envolvida com o que concebe como entidades estáveis e bem delimitadas, mais comumente o Estado-Nação, e com as variações nos padrões comparativos da infância encontrados dentro dessas entidades e entre elas. Ela não está muito interessada no caráter instável das fronteiras entre sociedades definidas nacionalmente e nas movimentações através dessas fronteiras. Não está preocupada com a relativa diminuição do poder do Estado-Nação para vigiar suas fronteiras e tende a homogeneizar as formas de infância encontradas dentro das fronteiras que imagina seguras. Tende a um certo formalismo matemático, que está mais.

Em vista desta crescente pesquisa na área da Sociologia da Infância, acredita-se que a infância vem sendo construída, buscando seu espaço no cenário social, considerando diferentes aspectos como classe social, gênero, etnia e época na qual está inserida (ALVES, 2013). Partindo disso, a Sociologia da Infância não busca mais retratar a criança como um ser universal, mas individual, complexo, com diversas particularidades, integrada no coletivo, capaz de se relacionar e de estabelecer constructos sociais, políticos e éticos (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010).

### 2.3 Bullying

O *bullying*, assim como todos os outros tipos de violência, existe desde sempre. Este tipo de ação não escolhe o sujeito por classe social, credo, classe, condição financeira ou qualquer outro aspecto que caracterize os sujeitos. Ocorre em todo e qualquer grupo, e motivado por diferentes razões (FERREIRA; ROCHA; IBIAPINA, 2017).

O termo “*bullying*” – que vem do inglês “*bully*” (valentão), que, por sua vez, decorre do verbo “*to bully*”, que significa “brutalizar”, “tiranizar” etc. – é compreendido como uma sucessão de comportamentos agressivos, realizados geralmente no âmbito escolar, e praticados tanto por meninos como por meninas. As vítimas são normalmente indivíduos tímidos ou introvertidos, que não têm condições de se defender. As ofensas, por sua vez, giram em torno de repetidas ironias, provocações, humilhações públicas, apelidos, exclusões e



outras agressões verbais sobre características físicas, socioeconômicas, étnicas e de orientação sexual (MALDONADO, 2011; FERREIRA, NEVES, 2017). Para Ristum (2010), trata-se de mecanismos de dominação, prepotência contra atos submissos, humilhatórios e de conformidade. De acordo com o Manual Prático (2019, p. 14) o *bullying* consiste em:

Uma violência gratuita e deliberada em que a vítima é atacada sem que tenha oferecido motivos para tal comportamento. Não há brigas, discussões, desentendimentos ou conflitos. As ações são premeditadas e têm por objetivo ferir, intimidar e inferiorizar, especialmente aqueles que são considerados “diferentes”, seja pelo aspecto físico ou psicológico, maneira de ser, de vestir, de falar, orientação sexual, condição social, raça. É, sem dúvida, uma atitude marcada por preconceito e intolerância, sobretudo, contra aqueles que fogem a determinados padrões estéticos e comportamentais valorizados socialmente.

Nessa perspectiva, compreende-se o *bullying* como um fenômeno multifatorial, não sendo possível encontrar uma causa efetiva, mas sim vários elementos que acabam por fomentar esse processo violento (CREMER, 2015). O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) criou, em 2010, uma cartilha intitulada *Bullying: justiça nas escolas*, trazendo as seguintes classificações quanto a sua forma de apresentação:

- Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, zoar);
- Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar, ou destruir pertences da vítima);
- Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar);
- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar);
- Virtual ou *Cyberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.) (CNJ, 2010, p. 7).

Como já mencionado, o *bullying* ocorre, geralmente, com sujeitos indefesos e passíveis de atos agressivos, que não se defendem ou que não possuem voz para delatar o agressor (FERREIRA, NEVES, 2017; VIEIRA, 2013). Nesse sentido, a sua ocorrência – em qualquer âmbito de socialização – pode trazer danos consideráveis ao sujeito que sofre a violência. Souza e Almeida (2011, p. 181) indicam que:

O *bullying* é um forte fator de risco para comportamentos antissociais individuais geradores de violência na sociedade. Porém, ainda são poucos os artigos científicos brasileiros que tratam do tema, isto é, estudos empíricos ainda necessitam ser realizados em uma abrangência nacional, com dados de todas as regiões. Esta pesquisa encontra-se em fase inicial, e este artigo visa contribuir para estudos sobre a educação, a saúde e a sociedade, para uma compreensão local e global da problemática da violência na escola e de suas implicações individuais e coletivas.

Vale ressaltar que, muitas vezes, atos violentos ocorrem simplesmente pelo fato de os

sujeitos serem diferentes entre si, tanto pela forma como pensam e falam, como pela maneira que agem, manifestando assim características físicas, neurológicas e psicológicas que acabam incomodando e, conseqüentemente, ocasionando ações violentas e sem qualquer compreensão por parte da vítima (SOUZA, 2018; FERREIRA; NEVES, 2017).

No entanto, independentemente da intencionalidade da ação, um dos círculos mais violentos e passíveis de *bullying* situa-se no âmbito escolar, uma vez que a pluralidade e a diversidade existente neste ambiente configuram-se em sua amplitude, acarretando desencontros relacionais. Nessa perspectiva, Feitosa, Melo e Coelho (2016, p. 3) afirmam que:

Este fenômeno pode ser desencadeado na escola por meio de agressões físicas e verbais como: apelidar, caçoar, empurrar, bater, difamar, constranger, entre outros. Geralmente acontecem entre crianças e adolescentes como são inseridos na normatização de beleza ou de vivência (gordos, magros, baixos, altos, albinos, negros, pobres, nerds, crianças com dificuldades de aprendizagem, deficientes) determinados pela mídia, bem como aquelas que apresentam comportamentos isolados em sala de aula.

Diante disso, retrataremos a seguir o *bullying* no contexto educacional.

## 2.4 Bullying no contexto escolar

Há vários tipos de violência na sociedade e produzidos nos mais diferentes cenários, não sendo diferente na escola. Barros e Carvalho (2009, p. 739, grifo nosso) desenvolvem esse argumento da seguinte forma:

Há diversas formas de violência no meio em que estamos inseridos, a **violência física** que se caracteriza pelo uso da força ou ainda por atos de omissão. A **violência psicológica** que consiste em um comportamento específico de um indivíduo ou um grupo de agressores, gerando tratamento desumano como a rejeição, indiferença, desrespeito e discriminação. A **violência política**, manifestada através de terrorismo que agregam em suas conseqüências a violência física ou por imposições ideológicas, que tem em suas metas a opressão social e a inadequação de determinados sujeitos ou ideias a sistemas politicamente incorretos. A **violência cultural**, através da substituição de uma cultura por um conjunto de valores forçados, não respeitando a identidade cultural existente. A **violência verbal**, que não raramente são acompanhadas da violência física e ainda a **violência sexual**, que é um abuso de poder onde uma criança ou adolescente torna-se uma gratificação sexual de uma outra pessoa, forçados a práticas sexuais com ou sem violência física.

O *bullying*, como citado anteriormente, consiste em uma forma de violência que, por sua vez, remete-se a um problema de ordem social, presente no cenário educacional e que vem se perpetuando neste espaço por longos anos (SOUZA *et al.*, 2011; FERREIRA;

NEVES, 2017).

De acordo com Souza (2018), para que esse tema seja tratado adequadamente na educação, é fundamental que a comunidade docente, discente e familiar leve em conta o fator cultural diverso presente na escola, ou seja, a pluralidade existente neste cenário, com diferentes raças, etnias, gêneros, crença e características particulares de cada indivíduo. A escola é o lugar da diversidade; quando ela não é encarada desta forma, corre-se o risco de se abrir frestas autoritárias que tendem a menosprezar o diferente, o “fora do normal”, bem como naturalizar agressões ou confundi-las com outras questões relativas ao âmbito escolar.

É muito comum ser empregado este termo em circunstância de indisciplina, conflitos, desacato ao professor, brincadeiras inconsequentes ou inconvenientes, incivildades, depredações e pichações de prédios e inclusive quando determinados alunos são corrigidos ou disciplinados pelos professores da escola (ZENTARSKI; SILVA, 2016, p. 201).

Embora a identificação e combate do *bullying* não seja uma tarefa fácil<sup>4</sup>, acredita-se que todos os fenômenos produzidos são de alguma forma repetitivos, com uma mesma vítima, por um período específico, ou seja, algumas características são permanentes nestas ações (BARROS; CARVALHO, 2009, p. 742). Eximir-se dessa responsabilidade – enquanto combate do *bullying* – incorre no seu consentimento simbólico. De acordo com Farenzena (2008, p. 4302), “Estado e escola, ao recuarem diante desses desafiadores desdobramentos impostos pela dinâmica social, conjugam-se na co-autoria da ação que amplia tempos e espaços da invisibilidade social”. E mais adiante, complementa:

A hostilidade que em muitas estruturas grupais pode não ser conotada como antítese da solidariedade, pois pode representar uma reação coletiva de resistência a inatividade e às ambiguidades das práticas adultas – mesmo com a marca da conduta desviante e reforçadora da exclusão –, não será compreendida, transformada, sublimada, contida ou obterá qualquer outro resultado sob o ponto de vista do incremento civilizatório, se tratada no espaço de confronto do *bullying* como pacote fechado de conceituação e receitas de intervenção (FARENZENA, 2008, p. 4303).

Portanto, compreender de que forma pode-se romper ou minimizar a violência praticada pelos estudantes, apresenta-se como um tema de ampla importância para a Sociologia da Infância, uma vez que isso influencia diretamente no modo de socialização da

---

<sup>4</sup> É justamente nesse sentido que Zentarski e Silva (2016, p. 3) alertam sobre o seguinte: “identificar o *bullying* entre os alunos não é tarefa simples, pois se trata de uma configuração de violência muito específica. Na maioria das vezes, os ataques não têm como serem visualizados, ou seja, são falhos de materialidade, e as vítimas não têm como comprová-los, o que gera incompreensões e inconformismos. O agressor pode usar formas mais ofuscadas e silenciosas, tais como gestos, olhares, expressões fisionômicas, bilhetes com mensagens humilhantes ou ameaçadoras, além de ataques virtuais, que costumam ocorrer onde não há supervisão dos adultos”.

criança e na formação de sua personalidade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo foi desenhado com o cunho investigativo, de revisão bibliográfica. Trata-se de uma investigação acerca das principais produções realizadas no período de 2014 a 2018. A base de dados utilizada foi “Google Acadêmico” e “SciELO”. Para isto, foram convencionados alguns critérios de seleção dos artigos. Sendo:

1. Artigos de base científica;
2. Artigos datados de 2014 a 2018;
3. A partir dos seguintes descritores: a) Sociologia da Infância; b) *Bullying* e Sociologia da Infância; c) *Bullying* na Escola.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o descritor 1, “**Sociologia da Infância**”, obteve-se o seguinte resultado com o recorte de 2014 a 2017. Na base de dados “SciELO” foram selecionados três documentos descritos abaixo.

**Tabela 1 – Sociologia da Infância – SciELO**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de documento</b>
SANCHES, E. O.; SILVA, D. J.	Eu vou lá ontem, papai! – Experiência e culturas infantis: reflexões sobre infância e temporalidade recursiva	2016	Artigo
MARCHI, R. C.; SARMENTO, M. J.	Infância, normatividade e direitos das crianças: transições contemporâneas	2017	Artigo
WERLE, K.; BERLLOCHIO, C. R.	A construção social da infância e a Maricota sem dona: Fragmentos narrativos na pesquisa em educação	2018	Artigo

**Fonte:** elaborada pelos autores.

Já na base do Google Acadêmico, os resultados retirados foram:

**Tabela 2 – Sociologia da Infância – Google Acadêmico**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de documento</b>
TOMÁS, C.	As culturas da infância na educação de infância: um olhar a partir dos direitos da criança	2014	Artigo
ALANEN, L.	Repensando a infância com Bourdieu	2014	Artigo
MONTEIRO, C. M. V. R.; DELGADO, A. C. C.	Crianças, brincar, culturas da infância e cultura lúdica: uma análise dos estudos da infância	2014	Artigo
BORDIN, F. B.; BUSSOLETI, D.	A sociologia da infância e os desenhos infantis – uma contribuição sociológica a educação	2014	Artigo
BRAGA, D. A. R.	A infância como objeto da história: um balanço historiográfico	2015	Artigo
NASCIMENTO, M. L. B. P.	Educação infantil e sociologia da infância: estudos sobre as relações entre pesquisa em estudos da infância e os contextos nos quais é realizada	2015	Tese de Doutorado
MARQUES, A. C. T. L.	Sociologia da Infância e Educação Infantil: à procura de um diálogo	2016	Artigo
ALVES, N. F.; PIMENTEL, M. B.; LIMA, M. R. C.; LIMA, J. M.	A sociologia da infância como suporte para os professores: a criança e a essência do brincar	2017	Artigo
BORGES, T. F. P.; RODRIGUES, S. A.	Um cenário da sociologia da infância no Brasil: as produções apresentadas no GT-7 (Educação de crianças de 0 a 6 anos) da ANPED de 1998 a 2003	2018	Artigo
OLIVEIRA, F. L.	Sociologia da Infância no Brasil: quais crianças e infâncias têm sido retratadas?	2018	Artigo

**Fonte:** elaborada pelos autores.

Outro descritor utilizado foi “*Bullying e Sociologia da Infância*”. Na base de dados do Scielo não foram encontrados documentos com o cruzamento destes dois temas. No Google Acadêmico, os resultados estão descritos abaixo:

**Tabela 3 – Bullying e Sociologia da Infância – Google Acadêmico**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de documento</b>
ARAÚJO, R. B. S.; PEREIRA, S. A. M.	<i>Bullying</i> na educação infantil: sua influência sobre a formação da personalidade	2014	Artigo
PUREZA, J. R.; MARIN, A. H.; LISBOA, C. S. M.	Intervenções para o fenômeno <i>bullying</i> na infância: uma revisão sistemática da literatura	2016	Artigo

**Fonte:** elaborada pelos autores.

O descritor “*bullying na escola*” foi o último a ser utilizado; e os resultados encontrados no Scielo indicam para os seguintes documentos:

**Tabela 4 – Bullying na escola – Scielo.**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de documento</b>
MACEDO, E.; MARTINS, F.; CAINÉ, J.; MACEDO, J.; NOVAIS, R.	<i>Bullying</i> escolar e avaliação de um programa de intervenção	2014	Artigo
CANAVÊZ, F.	A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do <i>bullying</i>	2015	Artigo
ALVES, M. G.	Viver na escola: indisciplina, violência e <i>bullying</i> como desafio educacional	2016	Artigo
ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L.	<i>Bullying</i> escolar: um fenômeno multifacetado	2016	Artigo

**Fonte:** elaborada pelos autores.

Quanto ao mesmo descritor, “*bullying na escola*”, na base de dados Google Acadêmico, tem-se descrito pela tabela abaixo os seguintes documentos.

**Tabela 5 – Bullying na escola– Google Acadêmico.**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de documento</b>
FEITOZA, L. M.; FELDENS, D. G.	Violência na escola: o <i>bullying</i> e os desarranjos da contemporaneidade	2014	Artigo
SLOBODZIAN, L.; HUBNER, C.A.R.	<i>Bullying</i> no contexto escolar: possibilidades de intervenção	2016	Artigo
RIBEIRO, L. D.; SILVA, R. R. C. N.; DUARTE, S. S.	<i>Bullying</i> na escola: reflexões e desafios para a gestão e a coordenação pedagógica	2017	Artigo
GARCIA, E. A. S.; BACOS, R. M.; SILVEIRA, C. S.	Violência (s) na escola: o que dizem as pesquisas nos campos da sociologia e da educação?	2017	Artigo

**Fonte:** elaborada pelos autores.

A partir dos documentos selecionados, pode-se ter uma visão ampla das últimas produções e da escassez de produções relativas à Sociologia da Infância.

Ferreira *et al.* (2017, p. 2) afirmam que “o *bullying* existe desde que o mundo é mundo, não tem fronteiras sociais, culturais ou geográficas. O que chama a atenção é o crescente número de casos, com repercussões cada vez mais sérias”. Trata-se, então, de um tipo de violência que pode ser classificado como simbólica, física, verbal ou psicológica,

dependendo da forma como o agressor se dirige ao agredido. Nessa perspectiva, Menegatti (2017, p. 16) afirma que:

Assim como a prática, o termo está relacionado às formas de agressões intencionais e repetidas adotadas, sem motivação evidente e direcionadas a outros. É uma atitude agressiva executada dentro de uma relação desigual de poder, tornando a vítima mais vulnerável. De tal maneira que o *bullying* pode ser definido como comportamento agressivo por atos e agressão física, verbal, moral e psicológica. Elas podem ocorrer de forma repetida, sem motivação aparente, em geral dentro da escola ou imediações, entre alunos.

Ao longo dos anos, a prática violenta do *bullying* se tornou mais frequente nos ambientes educacionais, ocorrendo com um estudante ou mais, com ou sem motivo, mas com prejuízos efetivos para o agredido, gerando inúmeros sentimentos complexos como: angústia, medo, dificuldade de aprendizagem e muitos traumas que são levados por toda a vida (SANTOS, 2016; FERREIRA; NEVES, 2017). Zentarski e Silva (2016, p. 4) apontam algumas características da vítima que sofre o *bullying*: perda de concentração; perda de entusiasmo pelos estudos; queda acentuada de rendimento; depressão; irritação; ansiedade; retração; isolamento social; faltas recorrentes à escola; dores frequentes (dor de cabeça e estômago); febre e esquivas e fuga. Nesse contexto, ainda com relação às vítimas, Ferreira, Rocha e Ibiapina (2017, p. 74) discorrem que:

A vítima costuma fugir dos padrões habituais e impostos pelo grupo; tímida, pouco sociável, com desempenho escolar acima ou abaixo da média e boa disciplina. Não corresponde também, muitas vezes, às imposições do grupo, sejam elas estéticas, sociais, religiosas, sexuais e raciais. Tem geralmente pouca capacidade de enfrentamento e baixa autoestima.

Compreende-se, então, que as vítimas tendem a apresentar as características citadas remetendo-se a questões emocionais, físicas e de aprendizagem. Contrapondo-se a isto, tem-se nos agressores as seguintes particularidades:

Por outro lado, o agressor geralmente é popular, insatisfeito com a escola, aluno medíocre e desafiador, busca com a prática do *bullying* dominar os colegas e incrementar seu “poder” perante o grupo – almeja o lugar de líder (FERREIRA; ROCHA; IBIAPINA, 2017, p. 74).

Torna-se passível de compreensão que os agressores apresentem comumente perfis de liderança, poder, com comportamentos de riscos, vulnerabilidade de perpetuação dos atos no futuro, tende a ser agressivo, impulsivo etc. Considera-se, portanto, vários motivos que levam a criança ou o jovem a praticar atos agressivos, como a ação de se sentir superior ou mesmo mais forte. Há ainda, quem pratique tais atos como uma referência do que já vivenciou



durante o decorrer da sua vida (VIEIRA, 2013; FERREIRA; NEVES, 2017).

Diante disto, torna-se uma tarefa complexa identificar o *bullying* e suas práticas, bem como seus agressores e agredidos. É o que demonstram Zentarski e Silva (2016), ao relatarem que a identificação do *bullying* é fundamental, mas distinguir entre o que seria uma prática de socialização e uma prática abusiva, consiste em uma tarefa árdua, de difícil compreensão e reflexão. Quintanilha (2011, p. 38) aponta ser muito importante destacar que, para ser caracterizado como *bullying*, precisa ser um ato repetitivo. Atitudes recorrentes merecem atenção; e a perpetuação de “brincadeiras” que causam dor, sofrimento e mágoa também merecem alarde.

Escola é um ambiente que permite a aprendizagem e a socialização entre os sujeitos, contudo as afinidades estabelecidas nesse espaço vêm sofrendo um aspecto conflituoso, gerando um clima de tensão nos indivíduos que o compõe. Esse aspecto conflituoso parece evoluir a proporções que acabam caracterizando a presença do *bullying* nesse espaço de formação. Isso tem levado alguns alunos a se sentirem desmotivados, perdendo o encanto de estar no ambiente escolar (RIBEIRO; SILVA; DUARTE, 2017, p. 2).

As práticas podem ser encontradas sob diferentes formas. Zentarski e Silva (2016, p. 8) apontam para as diferentes ações:

- *Bullying* verbal - é o tipo mais recorrente, praticado tanto por meninas, como por meninos: são os insultos, gozações, apelidos depreciativos, difamações, xingamentos, entre outros;
- *Bullying* físico e material - é caracterizado pelas agressões físicas em primeiro momento: bater, chutar, empurrar, beliscar, queimar, etc.; seguido de atos como: roubar, furtar ou danificar os pertences da vítima, até mesmo atirar objetos contra essa. Esses dois tipos de *bullying* deixam marcas, que podem servir de provas contra o agressor;
- *Bullying* psicológico e moral - mais praticado entre meninas, a tática é: irritar, humilhar e ridicularizar. Ou ainda deixar marcas no psicológico, pondo em risco a saúde mental da vítima: ignorar, desprezar, discriminar, ameaçar, chantagear e intimidar, fazer intrigas ou fofocas, com o intuito do alvo ser conhecido por todos.
- *Bullying* sexual - essa tipologia consiste em: assédio, insinuação constrangedora e abuso sexual; obrigar a vítima a praticar atos sexuais de qualquer natureza.
- *Bullying* virtual ou *ciberbullying* - utiliza-se dos meios digitais para oprimir, seja através do correio eletrônico, blogs, sms, redes sociais ou até sites de relacionamento; tem o foco em vídeos, posts ou mensagens depreciativas.

Nota-se que as práticas se diferem e, conseqüentemente, se confundem no modo de ser realizadas, gerando a dificuldade de se identificar tais práticas. Por se tratar de relações sociais, relacionamentos interpessoais, a dificuldade tende a aumentar consideravelmente. Assim, a busca por compreensões nesta área explorada atinge diferentes setores da ciência, não sendo isenta a Sociologia da Infância.

Relacionando os temas “*bullying*” e “preocupação com a criança” com a Sociologia da

Infância, Borges e Rodrigues (2018, p. 3) dissertam que:

A partir de uma preocupação social com as crianças, bem como do estímulo à emergência de metodologias de pesquisa consistentemente adequadas à compreensão destas como porta-vozes de si próprias, a SI tem assumido um papel determinante nos estudos da criança, e, conseqüentemente, se tornado por excelência o lugar da origem de uma nova abordagem da infância. Nesta perspectiva, é possível afirmar que a SI tem tido papel ativo na desconstrução do modelo moderno de infância e de criança consolidado, em prol de suas reconstruções contemporâneas.

Sarmento (2008, p. 7), por sua vez, afirma que a Sociologia da Infância:

Propõe o estabelecimento de uma distinção analítica no seu duplo objeto de estudo: as crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída. A infância é relativamente independente dos sujeitos empíricos que a integram, dado que ocupa uma posição estrutural. Essa posição é condicionada, antes de mais, pela relação com as outras categorias geracionais. Deste modo, por exemplo, a infância depende da categoria geracional constituída pelos adultos para a provisão de bens indispensáveis à sobrevivência dos seus membros, e essa dependência tem efeitos na relação assimétrica relativamente ao poder, ao rendimento e ao status social que têm os adultos e as crianças, sendo esta relação transversal (ainda que não independente) das distintas classes sociais. Por outro lado, o poder de controlo dos adultos sobre as crianças está reconhecido e legitimado, não sendo verdadeiro o inverso, o que coloca a infância – independentemente do contexto social ou da conjuntura histórica – numa posição subalterna face à geração adulta.

Relacionando então os postulados acima com o *bullying* praticado no ambiente escolar atualmente, pode-se compreender que, mesmo que discretamente, a Sociologia da Infância acaba por enxergar na criança um ser social, com influências sociais, que sofre imposições da sociedade. Assim, o *bullying*, como um problema de caráter social, mantém relação direta com esse objeto de análise, uma vez que é preciso encontrar os disparadores sociais que corroboram para as práticas do *bullying*, buscando romper com tal estigmatização/violência.

Somado a isto, a Sociologia da Infância acaba por contribuir também na minimização dos impactos violentos sofridos pelas crianças, em especial, quando impõe a necessidade de uma maior participação familiar e docente na vida das mesmas, direcionando o olhar a estes pequenos por meio de práticas educativas e sociais efetivas. Silva e Ferreira (2009, p. 76) ensinam que tais práticas, familiares e institucionais, impõem:

Uma vigilância multiforme também aos jovens. A educação, como projeto, passa a estabelecer a diferenciação entre as classes sociais, envolvendo o trabalho. Os espaços institucionais fechados e idealizados pelos moralistas servirão, de acordo com os autores, “de maquinaria” de transformação da juventude, estes irão diferenciar as disciplinas, abrandar, enfim, os destinos de seus usuários. Assim, de acordo com cada momento histórico, existem influências contextuais absorvidas nas produções sobre a temática. Obviamente sendo os jovens e as crianças vistos como sujeitos histórico-sociais, a realidade e as análises não devem se manter estáticas

durante o passar dos anos, portanto, estas mudanças são absorvidas de modos diversos, dependendo de cada momento histórico. Este estudo propõe observar esta perspectiva a partir da prática atual de educadores na educação infantil.

Portanto, reafirmam-se as contribuições da Sociologia da Infância para a construção da visão social da criança, de modo a entender as influências sofridas – positivas e negativas – e a necessidade de orientação e formação deste “ser” em fase de desenvolvimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo fazer uma breve análise do *bullying* praticado na escola frente às transformações sociais ocorridas ao longo da última década. Para tanto, propôs-se uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter misto, sendo este investigativo e exploratório. Os documentos selecionados foram buscados em bases de dados científicas – Google Acadêmico e *Scielo*. O recorte datado foi de 2014 a 2018.

A partir dessa investigação da referida bibliografia, com posterior análise dos resultados obtidos, concluiu-se que a Sociologia da Infância, embora consista em uma ciência, ainda é pouco difundida socialmente, uma vez que a criança ainda encontra-se em um cenário minimizado frente às demandas sociais existentes.

O *bullying* está presente na realidade de crianças e jovens, muitas vezes em práticas violentas e veladas. As práticas violentas praticadas no cenário educacional, em sua grande maioria, não se fazem visíveis, sendo simbólicas ou psicológicas, mas podendo sim, ser extremistas ao ponto de impulsionar atos violentos de ordem física.

A fim de romper com as práticas violentas das crianças, faz-se necessária a participação efetiva da família e da escola, pois essas instituições possuem um papel fundamental na busca pelo rompimento de tais práticas, haja vista a sua contribuição direta na formação dos valores inerentes à criança.

Desse modo, conclui-se que a Sociologia da Infância pode contribuir diretamente para a compreensão da criança e suas transformações ao longo dos anos, bem como na compreensão das práticas violentas existentes. Consequentemente, fazem-se necessários investimentos na área da Sociologia da Infância, com foco na melhoria e no incentivo das pesquisas para esta temática, incentivo este que parte de uma necessidade social e acadêmica sob as diferentes óticas da infância.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; MORUZZI, A. B. Infância na contemporaneidade: questões para os estudos sociológicos da infância. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 2, n. 2, p. 25-37, jul./dez. 2016.
- ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.
- ALVES, M. C. Sociologia da infância: um diálogo necessário. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais**, v.1, n.3, p.1-9, 2013.
- BARROS, P. C.; CARVALHO, J. E. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, Curitiba, PUC-PR, de 26 a 29 de outubro 2009.
- BORGES, T. F. P.; RODRIGUES, S. A. Um cenário da sociologia da infância no Brasil: as produções apresentadas no GT-7 (Educação de crianças de 0 a 6 anos) da ANPED de 1998 a 2003. In: **Anais**. Disponível em: <[http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Tammi-F1%C3%A1vie-Peres-Borges\\_-Silvia-Adriana-Rodrigues.pdf](http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Tammi-F1%C3%A1vie-Peres-Borges_-Silvia-Adriana-Rodrigues.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Trad. Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL. **Decreto 89.531, de 5 de abril de 1984**. Regulamenta a Lei nº 6.888, de 10 de dezembro de 1980, que dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 9 abr. 1984. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-89531-5-abril-1984-439813-retificacao-18478-pe.html>>. Acesso em: 12 maio. 2020.
- CARVALHO, T. K. P. A Importância da Sociologia no Mundo Pós-Moderno. **Democratizar**, v.5, n.1, jan./abr. 2011.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Bullying – justiça nas escolas**. Brasília: CNJ, 2010.
- CREMER, E. “Bullying”: a violência na escola contemporânea sob enfoque da abordagem gestáltica. **Revista IGT na rede**, v.12, n.22, p.111-195, 2015.
- DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, mai./ago. 2005.
- DIP, F. F. **Sociologia da Infância**: o que tem sido dito sobre ela e seu impacto sobre o entendimento de protagonismo infantil e cultura de pares. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso [Licenciatura em Pedagogia] Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2016.
- FARENZENA, R. C. O bullying na escola: a infância (en)contra a infância. 2008. In: **XV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Curitiba, PUC-PR, de 27 a 30 de setembro

de 2021. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/1221\\_929.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/1221_929.pdf) Acesso em: 03 ago. 2019.

FEITOSA, N. M. S.; MELO, I. S.; COELHO, R. F. N. O bullying como problema social inserido no ambiente escolar. In: VIII FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia. **Anais...** 2016.

FERREIRA, E. B.; NEVES, F. F. O problema do bullying no Brasil. **Nucleus**, v.14, n.1, abr. 2017, p. 55-66.

FERREIRA, M.; ROCHA, V. L.; IBIAPINA, C.C. Por que precisamos falar sobre bullying e cyberbullying? **Ver. Med. Minas Gerais**, v. 27, n. (Supl. 3), p. S73-S76, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Suely Rolnik. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.22, n. 2, p. 201-210, mai.-ago. 2006.

LE MOS, C. E et al. **Curso de especialização em ensino de sociologia: nível médio - módulo 2**. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

LIDIEKE FILHO, E. D. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, n. 14, p. 376-437, jul./dez., 2005.

LIMA, J. M.; MOREIRA, T. A.; LIMA, M. R. C. A sociologia da infância e a educação infantil: outro olhar para as crianças e suas culturas. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 14, n.1, jan.-abr., 2014.

MALDONADO, M. T. **Bullying e Cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** São Paulo: Moderna, 2011.

MANUAL PRÁTICO BULLYING NÃO É BRINCADEIRA. **Manual prático para professores (as) e estudantes sobre enfrentamento ao bullying escolar e construção de uma cultura de paz**. 2019. Disponível em: [https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/manual\\_bullying\\_sem.compressed.pdf](https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/manual_bullying_sem.compressed.pdf). Acesso em: 5 ago. 2019.

MARTINS, C. B. **O que é Sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, mai./ago. 2004.

MENEGATTI, R. P. Bullying versus Habilidades Sociais. In: **A prática do bullying e suas implicações**. 2013. 43f. Dissertação de Mestrado [Promoção da Saúde] Centro Universitário de Maringá, 2013.

OLIVEIRA, F.; TEBET, G. G. C. Cultura da Infância: brincar, desenho e pensamento. IN: ABRAMOWICZ, A. *et al.* **O plural da infância: aportes da sociologia.** São Carlos: EDUFSCar, 2010. Coleção UAB-UFSCar.

PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.

QUINTANILHA, C. M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying.** 2011. 68f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia] Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores, 2011.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n. Especial, p.137-162, 2002.

RIBEIRO, L. D.; SILVA, R. R. C. N.; DUARTE, S. S. Bullying na escola: reflexões e desafios para a gestão e a coordenação pedagógica. In: **ENFOPE – Encontro Nacional de Formação de Professores**, de 15 a 19 maio de 2017.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, JQ. (Orgs.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, p. 95-119.

SANTOS, L. S. J. **Consequências do bullying no processo de aprendizagem.** 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc6-6.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis. Vozes, 2008.

SARMENTO, M. J.; MARCHI, R. C. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. **Revista de Sociologia: Configurações**, v.4, 2008.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, C. F.; FERREIRA, V.S. Desafios da sociologia da infância: uma área emergente. **Psicologia & Sociedade**; v.21, n.1, p. 75-80, 2009.

SOUZA, C. P.; ALMEIDA, L. C. P. Bullying em ambiente escolar. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.7, n.12, p.179-190, 2011.

SOUZA, H. N. et al. Bullying: novo desafio para as escolas. In: **V Jornada Internacional de Políticas Públicas**, de 23 a 26 de agosto de 2011.

SOUZA, V. S. **O papel do professor frente ao bullying na educação inclusiva.** 2018. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso [Licenciatura em Pedagogia] Faculdade Anhanguera, 2018.

VIEIRA, C. A. G. **Inclusão e Bullying**: Práticas, prevenção e intervenção dos professores de um agrupamento TEIP. 2013. 118f. Dissertação [Mestrado em Ciências da Educação] Escola de Educação Superior João de Deus, Lisboa, 2013.

VIRNO, P. Infância e pensamento crítico. **Imprópria**: política e pensamento crítico, Lisboa, n. 2, 2012.

ZENTARSKI, L. O. F.; DA SILVA, M. G. G. Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola. **Revista Saberes**, v.4, 2016.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

GRANATO, A. N. V. P; FERREIRA, E. B; LOPES, M. M; SILVA, P. R. SILVA Análise das Contribuições da Sociologia da Infância para a Compreensão do Bullying Escolar. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 11, art. 10, p. 175-196, nov. 2022.

Contribuição dos Autores	A. N. V. P. Granato	E. B. Ferreira	M. M. Lopes	P. R. Silva
1) concepção e planejamento.	X	X		
2) análise e interpretação dos dados.	X	X		
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X	X